

PIERRE LUNEL

AMMA

AQUELA POR QUEM ESPERÁVAMOS

A inspiradora
líder hindu
com milhões
de devotos em
todo o mundo

ÍNDICE

Eu vivo... Para quem? Para quê?	15
Estou a afogar-me neste sorriso	25
A graça da criança	27
Um dia, a ternura de Amma revelou-se no meu coração	35
Adolescência misteriosa	41
O amor nem sempre é o que pensamos	51
O caminho de amor da criança de Kerala	63
O que é então ser feliz?	69
Metamorfose divina	77
Fazer da vida uma grinalda de beleza	81
A revelação	85
Deixar de dizer «amo-te», mas «eu sou o amor»	91
Era uma vez uma jovem <i>mahatma</i>	95
Abre a tua porta à felicidade e não voltes a fechá-la!	101
E a deusa tornou-se mãe	105
Sem compaixão, onde está o amor?	107
Uma pequena cadela que era minha irmã	111
O nosso amor é uma parcela do amor divino	117
Amma e Devi	123
Aos olhos do amor não há atos pequenos	127
Perdoem os vossos inimigos e serão felizes	131
Não há grande pessoa espiritual, exceto aquela que ama o próximo	135
A primeira graça de Amma é a sua vida	139
Não procurem a felicidade onde não está. Ela está em vós	147
Então nasceu um pequeno <i>ashram</i>	151

Deixem de estar ligados!	155
Ela parecia tão frágil e tão forte...	159
Quando o amor supera o ódio	163
Soltem-se, sorriam à vida... não tenham medo!	167
Lá, onde tudo começou, eu queria entregar-me	169
Eh, campeão! Não te esqueças de treinar!	173
Era Amritapuri antes de Amritapuri	175
A grande alma na pequena cabana	181
Esta luz que esperávamos	185
Eles vieram e acreditaram	189
Era Lakshmi, uma menina da rua	203
Devemos verdadeiramente renunciar a tudo? E porquê?	209
Era assim que antigamente se vivia ao pé dela	213
Estava na graça dos seus 20 anos...	223
Era ela no fim do longo caminho	233
Uma tão doce atração	243
Tinha de acontecer: o chamamento das crianças do mundo	249
Para lá do <i>darshan</i> ... Conhecê-la, finalmente!	255
A alma de Amritapuri é uma realidade	263
«Torna-te como o pó sob os teus pés»	269
E, sobretudo, nunca pares de tentar!	275
Também tu podes escalar o Evereste, mas com um bom guia!	283
Aproximem-se do íntimo coração de Amma	293
Ajuda a criar o Paraíso terrestre!	305
«Minhas filhas, vocês não são as presas, são as leoas»	315
Se amas, és mais forte do que um tsunami!	323
Preserva em ti o maravilhoso espírito da infância	329
O pó da vida nas pegadas de Amma	333
Amma ensina o que vivencia	345
Amma na intimidade do oceano	351
Ela sabe sobre nós o que nem nós sabemos	355
A morte não é um fim	361
Chorar é uma virtude, nunca um defeito	367

Servir primeiro os que mais sofrem	369
Algumas pepitas de compaixão	373
O amor conhece uma só religião	381
Faz do mal um bem	387
A raiva? É um bumerangue que nos destrói!	393
Tão grande como o amor	397

EU VIVO... PARA QUEM? PARA QUÊ?

«A Natureza faz as coisas sem pressa e,
no entanto, tudo é realizado.»

LAO ZI

Já estou na Terra há muito tempo e não tenho a certeza de saber a quem isso terá servido... Quem sou eu? Um homem habitado por sentimentos contraditórios. Um dia sou bom, noutra dia revelo-me mau. Estas interrogações e incertezas poderiam ter-me tornado pessimista, mas aconteceu o contrário: decidi ver o copo meio cheio em vez de meio vazio. Optei por aplicar esta constatação à humanidade e consagrar-me ao estudo do otimismo. Isso ensinou-me que é por vezes mais fácil ser mau do que bom. A bondade não se adquire facilmente: exige um longo trabalho sobre nós próprios. É muito mais fácil deixarmo-nos levar pelo ciúme, a inveja, o egoísmo ou o ódio, que não exigem de nós qualquer esforço particular. Mas este esforço é necessário se quisermos contribuir para estabelecer a paz e a fraternidade. A maioria de nós não o faz sozinha, por simples vontade ou disciplina. Como São Tomé, para reconhecer Jesus ressuscitado, devia tocar as suas feridas, nós precisamos de exemplos que nos motivem. Somos todos como São Tomé, não verdadeiramente maus, mas também não muito audaciosos. Esperamos que o caminho nos seja indicado porque não o vemos. Sou um pobre peregrino que precisa de ver uma estrela para se fazer ao caminho. Um peregrino cheio

de dúvidas, caindo mesmo de Caríbdis para Cila, um pecador frente à eternidade. Cada vida é uma peregrinação. A minha consistiu em alimentar-me de grandes exemplos que me salvaram nos maus momentos, quando a minha «parte do diabo» aparecia. Não sinto qualquer vergonha ao afirmá-lo, porque cada um tem a sua. Alguns gostam demasiado de dinheiro, outros do poder. No que me diz respeito, era a vã glória. A necessidade de ser reconhecido. Admirado. Festejado. Sem dúvida que teria gostado de ser amado e celebrado, ao ponto de me contentar com uma celebridade de opereta. A pior de todas. Esta «parte do diabo» conjuga-se com frequência com as mudanças de caminho, o desejo de levar mais longe as suas vantagens. Hoje contemplo com humor este passado e sem amargura. Que absurdos me evitaram cometer essas grandes figuras que me acolheram ao pé de si durante 30 anos. Obrigado, meu Deus!

O primeiro dos meus heróis foi o Abbé Pierre. Depois do dia do seu funeral, no pequeno cemitério de Esteville, na Normandia, não cesso de pensar que ele me salvou. Salvou de quê? Não sei. Entrou na minha vida num dia de 1989, no meio dos preparativos do bicentenário da Revolução Francesa. Tinham sido confiados ao presidente Edgar Faure e eu encontrava-me ao seu lado. Tinha 42 anos, um orgulho insensato e a ilusão de não ser pequeno estando junto aos grandes. O abade chegou ao gabinete da Rue de Talleyrand, no 7.^{ème} Arrondissement de Paris. Edgar fez um discurso. O abade respondeu — ou, melhor, gaguejou — algumas palavras, de olhos fechados. E foi tudo. Acompanhei-o ao elevador; foi então que o meu olhar se cruzou com o seu, um olhar de adolescente, surpreendente num homem idoso. Algo se abriu em mim. Não era uma coisa desconhecida. Aquele olhar trazia à superfície coisas que eu já tinha mais ou menos sentido quando meditava sobre o pai-nosso ou sobre as bem-aventuranças, tentando compreender o que era a caridade e a bondade. O Abbé Pierre, num

único olhar pousado sobre mim, fez-me sentir e ver os espaços infinitos. Esse olhar foi como uma estrela. Em todo o caso, iluminava um caminho. O *meu* caminho.

Este olhar-estrela durou mais de 20 anos. Vinte anos de emoção, de alegria, com, por vezes, alguns resplendores que me deixavam entrever o essencial. Deus, talvez? Vinte anos que me permitiram entrever e sentir perto deste homem extraordinário o que era este amor de que se fala nos evangelhos. Um amor para lá de si mesmo, que se endereça àqueles que nada têm, aos pobres que ninguém quer ver. Sem dúvida que não compreendi tudo, mas pelo menos aprendi a olhar os pobres, a não me distanciar e a não ter medo deles. O Abbé Pierre, por seu lado, ia mais longe: ele amava-os. Tentei, de uma forma desajeitada, traduzir em livros o que era este amor. Descrevi-o, falhando no que respeita a compreendê-lo profundamente. Cinco livros depois, ainda me sentia impotente para apreender a sua essência. Talvez fosse da ordem do indizível... Tenho a sensação de ter apenas abordado o mistério. Entretanto, o seu fogo queimou-me. Consumiu-me. Saí transformado deste *tête-à-coeur*¹ de 20 anos. Quantas lembranças do Abbé Pierre voltam à minha mente, que impedem as más inclinações e o desânimo... Evocarei apenas uma: foi num dia em Saint-Wandrille, na abadia normanda, nas cercanias de Yvetot, onde o Abbé Pierre vivia na companhia dos monges beneditinos, que, dizia ele, acolhiam a sua velhice. Mal cheguei junto dele perguntou-me à queima-roupa se eu não vira um homem no comboio. Descreveu-mo. Lembrei-me de que essa pessoa estava sentada à minha frente. Era um homem abatido. O abade deixou-me imediatamente. Não voltei a vê-lo senão passadas três horas. Ele deu 10 voltas à aldeia para o encontrar. Aquele homem era um ser desesperado, que o abade segurava com o braço cansado... Era assim, o Abbé Pierre: quando alguém atormentado precisava dele,

¹ Expressão que alude à ligação cabeça-coração.

nada mais importava. «Serve primeiro os que mais sofrem», dizia com frequência. Quando ele morreu, tive a impressão de perder um avô muito querido. Senti-me órfão.

O acaso, acrescido de uma fome de encontrar esse amor, levou a que me cruzasse com uma certa irmã Emmanuelle.

A senhora que gracejava na televisão não brincava com coisas sérias. Aprendi-o à minha custa, no primeiro dia em que cheguei ao bairro de lata do Cairo para fazer pesquisas sobre a sua vida. Pegou-me na mão e com o seu andar claudicante conduziu-me num rodopio pelas famílias pobres. O sol estava sufocante e o cheiro a lixo era horrível. Pediram que nos sentássemos para nos oferecerem uma refeição. Temendo uma intoxicação, eu debicava a comida.

— Não tens fome? — perguntou-me.

— Hã... — balbuciei. — O cansaço... o sol... a viagem... não tenho fome!

— Escuta — diz-me ela. — Penso que seria melhor que apanhasse o avião de regresso. Se não és capaz de comer o mesmo que eles, então adeus!

Apressei-me a engolir o meu prato de massa. Ela não brincava com o amor aos pobres. Isso significava viver como eles, comer como eles, dormir numa barraca. Como eles. Tive de me acostumar a isso. E fiquei durante seis meses. Pobre entre os pobres, eis a regra para ter o direito de falar do assunto, senão não passávamos de intrujões. A irmã Emmanuelle viera ter com eles tinha quase 70 anos — quando lhe propuseram a reforma — empoleirada numa carroça puxada por um burro onde transportava a sua cama, livros e alguns pertences pessoais. A sua vitalidade e alegria de viver eram tais que na sua companhia me desabiteuei do conforto e perdi os meus temores. Eu não poderia viver sem a loucura de amor desta velha senhora que me lembrava a heroína do filme *Ensina-me a Viver*. Tornei-me num viciado em Emmanuelle.

Acompanhei-a até ao fim. Quase com 100 anos, continuava a bater-se pelos sem-abrigo do Sul de França. Bebi com satisfação as suas confidências, as suas histórias engraçadas, os seus segredos. Lembro-me de uma das minhas últimas conversas com ela. Tinha-se sentado no muro de um lar de idosos de Callian e balançava as pernas como uma rapariga. A uma pergunta que lhe fiz, ela respondeu vivamente: «Isso, meu caro, não to direi! Aparecerá num livro que será publicado após a minha morte e que se intitulará *Confessions d'une Religieuse*. Lamento, meu caro!» Ela escreveu esse livro com o seu confessor, provocando um pequeno escândalo nalguns círculos da Igreja cristã. Sagrada Emmanuelle! Ouço por vezes, nos dias deprimentes, o seu risinho cristalino...

A minha perambulação não havia terminado. Conheci o padre Pedro. O Abbé Pierre tinha-me advertido sobre este gigante barbudo capaz de mover montanhas. Tinha ali chegado, discípulo de São Vicente de Paulo, e construíra uma cidade de esperança com 25 mil almas, miseráveis entre os pobres. O que Madre Teresa havia construído em Calcutá, Pedro fizera-o em Madagáscar. O Abbé Pierre tinha-me revelado: «Ao pé de Pedro, todos somos crianças de coro.» O que poderia parecer um cumprimento exagerado correspondia à realidade. Ao fim de cinco anos passados a seu lado, pergunto-me ainda de onde retira a energia e o entusiasmo que lhe permitem aceitar desafios insensatos. Vivendo, primeiro, 15 anos no sul, no meio das populações camponesas mais pobres do mundo e ligando-se à sua causa a ponto de se arriscar a perder a saúde; depois descobrindo nos arredores de Tananarive uma miséria superior a tudo o que ele tivesse imaginado, lançou-se no combate e, a partir de nada, acabou por erigir um reino de 25 mil pobres, aos quais levava, com a ajuda deles, algo para comer, para trabalhar, para se curarem, e, sobretudo, a escola para 13 mil crianças. É um sonho... Este gigante, que, como o cavaleiro Bayard, se mostrava sem medo e sem censura, deixava-se devorar pelo fogo

da justiça e do amor. A seu lado sentíamo-nos minúsculos. Quando nos cruzamos com heróis, tem-se duas possibilidades: ou se foge ou seguimo-los. Nunca lamentei segui-los. Cada vez que fui posto à prova, e que me senti tentado a deixar-me levar, a voz e o rosto dos meus heróis estavam presentes para me dizer: nem penses em abandonar!

Certo dia, há muito tempo, numa altura em que atravessava um período de dúvidas, senti o desejo de empreender uma peregrinação estranha: tratava-se de ir ao acaso visitar o mundo à descoberta dos verdadeiros heróis do nosso tempo. Eles não se pareciam, mas, contudo, eram feitos da mesma massa. Eram todas almas dedicadas ao bem. Por isso, era preciso partir antes do aparecimento do menor sinal. É possível que nada apareça. É possível que seja o contrário. Em todo o caso, nunca descobriremos algo se não formos um peregrino ou alguém numa demanda. «Dança com os loucos!», aconselhara-me o Abbé Pierre. É um conselho que tentei seguir. Sempre. Permitiu-me procurar a minha estrela caminhando. Permitiu cruzar-me no meu caminho com seres de luz. Porque o bem não é abstrato, é uma presença.

Experimentei recentemente esta presença carnal do bem. Mas não me encontrava em território familiar; a da fé dos meus ancestrais, a minha. Ali não se falava de Jesus nem dos evangelhos. E, contudo, falava-se do bem. Foi na Índia, a sul, no Kerala. Não sei, a falar verdade, como lá regresssei. Aliás, pouco importa. Trata-se simplesmente de ir aonde o vosso destino vos diz para ir.

Porque decidi então regressar à Índia? Esta decisão era tão mais estranha porque nada me chamava para esta civilização milenar. Os meus genes haviam feito de mim mediterrânico. Cresci à beira deste mar que me contava, na minha infância, sobre os gregos, os romanos, os antigos egípcios. Toda uma mitologia que me era familiar, a dos deuses do Olimpo, da *Ilíada* e da *Odisseia* e dos deuses de Karnak. Alimentei-me de História e de cavalgadas.

Conhecia melhor Alexandre, o Grande, César, Napoleão, Cortès e Pizarro, do que Sidarta Gautama e as sabedorias do Oriente. Contudo, um dia na adolescência descobri, maravilhado, a figura de Bartolomeu de Las Casas, o padre dos ameríndios massacrados. Foi uma conversão. A leitura de *Siddhartha*, de Hermann Hesse, abriu-me um mundo.

A Índia aparecia-me no seu mistério e entreabriu-me a porta da sua sabedoria. Devorava os escritos de Sri Aurobindo, Ramakrishna, Vivekananda, Ramana Maharshi e Ma Ananda Mayi sem os compreender verdadeiramente, mas que importava isso? Encontrava-me preso do seu encanto indefinível. Sentia-me fascinado pela vida de Gandhi. Gostaria de ter encontrado os mestres espirituais da Índia.

Em 1995, quase por acaso — mas há realmente acasos? —, aproximei-me de Amma. Estava longe dela, mas nada é longe quando se trata de Amma. O seu amor reduz as distâncias. O *ashram* de Amma, em Amritapuri, no coração de uma floresta de palmeiras do Kerala que se estendia a perder de vista, não é o que já fora. Fazia lembrar uma grande aldeia no fim de uma estrada cheia de altos e baixos, que nos levou a ficar com as costas dorida. Depois de Kollam, para alcançar a cidade mais próxima eram precisas duas horas de caminho através de uma floresta de um verde profundo. Aqui, no Kerala, vivia Mata Amritanandamayi Devi, a quem chamávamos simplesmente Amma, que significava «a mãe». Assisti pela primeira vez a esta cena extraordinária: Amma a dar o *darshan*. Esta palavra, que na cultura espiritual da Índia significa «visão do divino», revestia-se de uma ternura infinita como ela. Abraçava durante horas, sem manifestar lassidão, pessoas que, de uma maneira ou outra, eram infelizes. Pessoas que sofriam. Os gestos de ternura são tão indispensáveis como o prato e o teto. Ao aproximar-me de Amma para receber o seu *darshan* olhei-a em todas as suas particularidades. De tamanho

pequeno, apenas um pouco superior ao de Madre Teresa, o seu corpo envolvido por um sari branco, o seu sorriso era luminoso. Todos tinham direito ao sorriso e ao abraço. Envolvia nos braços aquele que chegava como se fosse o primeiro, embora se tratasse de milhares. Aliava o amor à ternura da mãe.

A fé é uma graça independente de um grito de abandono como a oração mais fervorosa. Opera no campo do mistério e do inesperado. Quando surge é à medida de cada um, lá, onde se encontra. Lenta ou espontânea. Total e deslumbrante.

Infantil para alguns, atravessada por dúvidas para outros. A fé é multiforme, à medida do infinito de Deus e, portanto, é única. Nutre-se da bondade divina. É como uma quintessência da graça. Pertence à categoria mais comum das pessoas de fé: aquela para a qual ela é raiada de dúvidas e tempestades. A fé daquele que veria em Deus, como diz Aurobindo, «uma eterna criança brincando a um jogo eterno num eterno jardim».

Contudo, a minha fé repleta de falhas não impediu o caráter decisivo do meu encontro com Amma. A sabedoria dela pareceu-me essencial ao mundo e às tempestades que o assolam. Essencial porque ela era terna. Eu assimilava de imediato a sua presença ao amor vivo, aquele que derrubava tudo à sua passagem. Ela tornou-se, aos meus olhos, como uma alma franciscana da Ásia. O amor habitava em Amma tal como se apoderara do santo de Assis. Eu ainda não sabia que, aquando das suas viagens, Amma se havia rendido a Assis e que sentira como uma revelação a força do amor que habitava em Francisco, porque ela era habitada pelo mesmo amor. Eu havia, no entanto, compreendido pouco, muito menos do que ela, da natureza deste amor quando li *Le Très-Bas* de Christian Bobin. Tive a sorte de compreender um pouco melhor o amor de Amma imergindo no seu sorriso.

Entusiasta, quis conhecer tudo sobre ela: de onde vinha, a sua infância, o nascimento da sua missão e a sua essência. Que tolice

e que orgulho! Era como tentar compreender o amor, uma vez que é necessário vivê-lo e por ele ser queimado. Ela nasceu perto de onde estava, há cerca de meio século, no sul da Índia, neste famoso Kerala, onde, segundo a lenda, o nosso São Tomé terá talvez chegado após a morte de Jesus. Chamaram a esta criança Sudhamani, que significa «joia pura». Uma «joia» de pele ligeiramente escura de mais: no país das castas, a sua tez destinava-a a ser serva. Esta filha de pescadores raramente ia à escola. Para corrigir este mau começo de vida, apareceram duas fadas boas: a fé e a compaixão. A criança era dada à meditação. Participava nos jogos infantis, mas acontecia-lhe evadir-se nos sonhos. Com muita frequência a contento de alguns. Chamavam-na, mas ela não ouvia. Perdida em sonhos, era encontrada sentada na praia, olhando fixamente para o céu e as ondas, orando e cantando o nome de Deus. Sorria. Aprendia o amor. O verdadeiro amor. A este amor doava tudo o que a afligia, desde a escola, que lhe fora recusada, aos maus tratos. Já a pé às 3h da manhã, lavava a roupa da casa, tratava dos animais e sonhava com o sofrimento das pessoas, mais do que com o próprio. O sofrimento dos outros tornou-se no seu. Pôs a sua alma à disposição dos outros. Atenuar este sofrimento tornou-se na sua razão de ser. A sua razão de estar na Terra. Acontece que o bem suscita o mal e o amor suscita o ódio. Tentaram ridicularizá-la, humilhá-la e mesmo... assassiná-la. Um dia, o seu irmão mais velho expulsou-a. Dócil, partiu para viver no coração da Natureza, na companhia das plantas, do sol, das estrelas e do mar. Os animais tornaram-se nos seus irmãos e irmãs. Como São Francisco, ela amava-os e compreendia-os. À noite, quando adormecia, uma pequena cadela velava por ela. O tempo passou e ela tentou regressar para junto dos seus, mas continuavam a persegui-la. E ela continuou a sorrir e a cantar.

As razões que levaram a filha de um pescador a tornar-se numa *mahatma*, «encarnação da sabedoria», continua a ser um mistério.

Teremos de nos contentar em observá-la e em segui-la com humildade.

Por que razão, após este primeiro encontro, parti? Por que motivo não fiquei a seu lado para saber mais? Para crescer em amor. Sem dúvida, não era o momento. O momento certo nunca é o que escolhemos, ele manifesta uma vontade que não é a nossa e que lhe é superior. Eu devia correr o mundo, hesitar entre o poder, a embriaguez das coisas e o bem, esse bem que me contentava em admirar de longe, sem coragem nem audácia. Por medo? Por tolice? Pelos dois, sem dúvida. Algumas pessoas têm a luz dentro delas enquanto outras têm a luz em seu redor. Faço parte dos segundos. Admiro os gigantes e testemunho o que é bonito. Ao deixar Amritapuri, naquele ano de 1995, jurei voltar a ver Amma. O clique voltou 20 anos mais tarde, sob a forma de uma maçã dotada de um poder singular: ela mantinha-se fresca. Esta maçã havia sido dada por Amma a uma amiga, uma médium extraordinária sobre cuja vida escrevi. Yaguel Didier apontou para a maçã e disse-me: «Sabes, faz agora três meses que ela ma deu, e a maçã não apodrece.» Nesse instante, soube que tinha de a rever.

ESTOU A AFOGAR-ME NESTE SORRISO

«O amor não é uma emoção;
é um fluxo de água contínuo,
de pura consciência e de poder ilimitado.»

AMMA

Sorrir, este gesto tão natural, é também uma graça. Tocou-me pela primeira vez, mas quando a vi de novo senti-me tombar. O rosto é a primeira porta que se entreabre perante o olhar, e o sorriso de Amma abria essa porta de par em par. Aquele sorriso que iluminava os traços regulares do seu rosto era um convite à doçura e à ternura. Aquele sorriso prendia-nos pela mão e levava-nos na direção de mundos desconhecidos, por vezes sem o sabermos. Sonhos para viver como se vos tornassem de novo na criança pequena que nunca haveis cessado de ser. Pensava, ao revê-la, que o santo de Assis devia ter o mesmo sorriso. Como Buda, Krishna ou Jesus. O sorriso do ser realizado, da divina encarnação... Observei-a enquanto ela abraçava o mundo. O que me parecia dominar naquele sorriso eram a bondade e a compaixão, por vezes com um brilho de malícia, porque Amma é rebelde e travessa. Parecia que até o seu cabelo sorria... Não dizemos por vezes que certas pessoas sorriem de orelha a orelha? O sorriso de Amma nunca hesitava, como acontece com pessoas que medem o seu efeito nos outros. O seu não era calculista, era uma dádiva. Melhor: abandonava-se. Era aquele que vinha da alma e que nunca morre. Era ativo,

devastador, revolucionário. Recusava o inaceitável. Não era mostrado para agradar num dado momento. Era a essência da alegria de estar no mundo. Falava de bondade e de beleza, sem dúvida como uma demanda do paraíso perdido.

Perdíamos-nos e encontrávamo-nos no sorriso de Amma. Quando o acaso permite aproximar-vos de uma grande alma, quereríeis saber tudo num instante. Mas ela nunca se entrega muito depressa. Um ser é sempre um mistério para os outros e para si próprio; uma grande alma ainda mais. Uma vida terrena é um entrelaçado de recordações, algumas claras, outras baças, misturadas com silêncio e sigilo. Não saberíamos aceder à verdade do ser. Podemos aproximar-nos dela, mas não saberíamos como desvendar o seu mistério. Querer tocar a verdade do ser é subir a montanha, atingir o cume e cair pela ravina. Precisei de 20 anos e cinco livros para me aproximar de longe da alma do Abbé Pierre. É sedutor aproximarmo-nos de Amma, de partir à aventura em direção a ela, de ir de novo a montante do fio da sua vida, de sentir o gosto da sua alma, ou assim o crer. Contudo, a sua vida desenvolve-se num quadro cultural e espiritual diferente do meu: o da Índia. Os ocidentais como Arnaud Desjardins, o padre Ceyrac, Henri le Saux ou Alain Daniélou levaram uma vida inteira a abordá-lo. Sejam os humildes. A alma dos santos é como um poço sem fundo, e isto é tão mais verdadeiro quando se trata de uma alma que vem de longe.

A GRAÇA DA CRIANÇA

«O maior dos viajantes não é o que deu a volta à Terra,
mas aquele que deu uma única vez
a volta a si mesmo.»

GANDHI

É difícil seguir os passos de uma criança tocada pela graça, invisível aos nossos olhos. A identificação com o Divino escapar-nos-á sempre. Agora penso, pela minha experiência, em todos aqueles que precisam dela e não o sabem. Eu faço-o com o coração, por humildade, não por inteligência. Faço-o, espero, na compaixão de todos aqueles que se aproximam, em particular os seus primeiros companheiros, os monges que a cercam hoje. Que me perdoem os meus erros, as minhas ausências ou aproximações. Que eles me julguem com o coração a fim de me corrigirem no que for preciso. Eu transporto o meu entusiasmo, o meu olhar de criança bem como a minha crença ingênua, esta fé que vem de dentro.

Esta história é verdadeiramente extraordinária. É, garanto, uma das mais belas histórias destes nossos conturbados tempos. Proponho-lhes que entrem nela.

Sabe-se muito pouco sobre a mais tenra infância de Amma e dificilmente mais dos seus primeiros anos de adolescente. Começamos a vê-la com mais clareza a partir dos seus 20 anos, quando se juntaram a ela os seus primeiros discípulos. Podia-se pensar

que é então que tudo começa, o que seria falso: tudo começou muito antes. A revelação, como sucede com frequência, precede de longe a missão. Mas a revelação está nas trevas. Quem guarda a recordação da infância de um mestre? Os pais, os irmãos e as irmãs, os amigos de infância... Eles não revelam muito, ou quase nada. A infância de Jesus é, ela também, desconhecida. Ora, ele era filho de um carpinteiro e a criança que se tornaria Amma era filha de um pescador. Tratava-se de gente humilde e pobre; estas pessoas não têm história. Os textos que tentam traçar o seu percurso são sempre escritos *a posteriori* e estão repletos de falhas e imprecisões. Os Evangelhos pouco dizem da infância de Jesus, deixando mais espaço às dúvidas e às perguntas do que às certezas. Mas talvez estas dúvidas nos indiquem mais o caminho do que os arquivos estabelecidos.

Adivinho nesta criança um avatar, uma encarnação desejada por Deus. Não tive qualquer revelação. Acredito no fundo do meu coração. Nunca vi afundar uma tal intensidade de amor pela criação inteira, por todos os seres vivos, os homens e os animais, bem como as plantas e o Universo. É difícil descrevê-la melhor do que como o fez a doutora Jane Goodall, quando entregou a Amma o Prémio Gandhi-King pela Não Violência: «(...) Um ser que é a encarnação da bondade (...) O amor de Deus, encarnado num corpo humano.» Se Amma é mãe divina, como tanta gente pensa, ela tem muitas outras coisas a fazer sem ser falar sobre si própria. Não tem um cronista perto dela.

Neal, um dos primeiros a juntar-se a Amma, em 1978, um americano que passaria a usar o nome Swami Paramatmananda, conta num livro entusiasmante (*On the Road to Freedom*) que foi necessário esperar pela primeira viagem de Amma aos Estados Unidos e à Europa, em 1987, para reunir o que podíamos saber da vida de Amma. Nada fora escrito sobre ela e a demanda revelou-se difícil. Neal questionava todas as testemunhas que conseguia

encontrar, mas ninguém conhecia verdadeiramente a sua vida. A única que podia responder era a própria Amma. Ela aceitou contá-la a Neal. Uma experiência surpreendente.

Amma forneceu-nos alguns factos; então, irritada, levantou-se e saiu. Estávamos a fazer perguntas, tentando juntar pequenos pedaços de informação e preencher os espaços em branco para detalhes e datas. Por fim, conseguimos escrever a maior parte da vida de Amma.²

Eu disse que acreditava no facto de Amma ser uma encarnação divina. Alguns leitores ficarão talvez surpreendidos. Contudo, não é minha intenção chocar. Sendo um escritor católico, cristão desde sempre, amante de Jesus, próximo do Abbé Pierre, da irmã Emmanuelle e do padre Pedro, não temo a ira da Inquisição. De qualquer modo, a Igreja já não manda para a fogueira os feiticeiros. Por que razão Deus, que ama com amor a humanidade inteira, não encarnou mais do que uma vez, de uma vez por todas e num só lugar? Se decidisse o contrário, isso minaria a mensagem sublime de Jesus? A humanidade cai constantemente. Esta queda convoca com regularidade a presença de Deus. A tradição indiana, tão respeitável e profunda como a nossa, admite que Deus possa encarnar sempre que a humanidade se perde. A crise materialista e o deserto espiritual não são preocupantes? Por que motivo Deus não encarna de novo em nome do Seu amor pela Sua criação? Para Amma, não há dúvida de que Jesus é uma encarnação divina. Ao escutar a santa, tenho o sentimento de que a mensagem do amor é uma. Não é católica, budista ou hinduísta, é a da humanidade e existe para ela.

Era uma vez uma família de pescadores nos rios de Kerala, não muito longe de Alappad, numa vila chamada Vallikavu.

² Tomo II, pp. 100–101.

Chamavam-se Idammanel. Estes pescadores eram pobres, mas generosos, como é costume em casa dos que nada têm. Não eram gananciosos. Uma vez posto de lado o pouco de que precisavam para viver, distribuíam o resto do que haviam pescado por aqueles a quem fazia falta. Na família Idammanel, como nas outras, pensava-se na alma e no seu destino mais do que nos prazeres materiais. Alguns dos membros da família tinham já vivido como santos. Os avós paternos de Amma, por exemplo, haviam observado os preceitos da oração, da não violência e da generosidade que estão no coração da cultura indiana, e transmitiram esses valores aos filhos. O seu exemplo marcou o seu filho mais velho, que se chamava Sugunanandan. Ele aprendeu a arte de lançar as redes, que é essencial para um pescador, mas aprendeu também a dança e o canto sagrado. A religião hindu, muito presente mesmo depois de tantos milhares de anos, sempre aliou a beleza à espiritualidade. A dança e o canto fazem parte da oração e iluminam o caminho do sagrado. A mitologia indiana é de uma beleza incrível. Nas narrativas sagradas da Índia, a dança e o canto ajudam o bem a vencer as forças do mal. Sugunanandan aprendeu, pois, a orar, a cantar e a dançar. Tudo em volta dele respirava o sagrado. O mar de Kerala era belo. Era fonte inesgotável de meditação, de inspiração e de sabedoria. A natureza verdejante, e a floresta de coqueiros que cercava a aldeia, funcionavam como um guarda-joias para a meditação.

Sugunanandan maravilhava-se com este quadro propício aos jogos da infância. Nada iguala a felicidade de um jovem ser sensível. Os dias sucediam-se aos dias até que, de repente, sobreveio um acontecimento, aparentemente inofensivo, que iria marcá-lo muito. Quem teria podido prestar atenção a este bravo homem um pouco louco que chegou inesperadamente? Na Índia sobejam os *sadhus*, o que designa, em sânscrito, os monges errantes que profetizam espontaneamente. O que surgiu em frente de

Sugunanandan profetizou o seguinte: é aqui que a alma dos santos espera unir-se à de Deus. Este género de profecia é vulgar e, contudo, marcou o jovem pescador. Por que razão o *sadhu* lho dizia? Porquê designar aquele lugar como santo? Só muito mais tarde Sugunanandan compreendeu.

Sugunanandan tornou-se pescador e fazia um pouco de comércio, como os seus ancestrais. Estava fora de questão ganhar a vida de outra forma nestas margens do Kerala. Casou. A eleita do seu coração chamava-se Damayanti. Era bela e amava Deus tão intensamente que lhe chamavam «a mulher brâmane». Tiveram 13 filhos. A mais velha, Ratnambika, morreu quando ainda não completara 4 anos. Kasturi, uma rapariga, era a segunda. O terceiro, um rapaz franzino, morreu à nascença. Sudhamani, aquela que se tornaria Mata Amritananandamayi, era a quarta. Surgiu para a vida num dia de Kartika, a terceira constelação, uma das Plêiades, às 8h30. Como a mortalidade infantil era muito elevada naquela época, em particular nas aldeias, o casal perdeu cinco filhos. Restavam-lhe quatro filhas e quatro filhos: Kasturi, Subhagan, Sudhamani (Amma), Sougounamma, Sajani, Souresh, Satish e Soudhir.

Damayanti não era apenas bela, como muito sensível. As suas noites estavam repletas de sonhos nos quais aparecia todo um mundo familiar de deuses e deusas. Os seus deuses falavam com ela. Sobretudo quando esperava um filho. Esta disposição assumiu uma intensidade particular quando estava grávida pela quarta vez. Contou ao seu marido: todas as noites o deus Krishna entrava nela sob a forma de um raio de luz. Sugunanandan optou por rir: «Não é surpreendente. Repetes os mantras 20 horas por dia!» «Talvez», replicou ela, «mas é a primeira vez que é tão forte. Acredita ou não, mas tenho a certeza de que esta criança é diferente.» Nessa noite, Sugunanandan teve o mesmo sonho que a sua mulher e ficou aborrecido.

Damayanti passava o tempo à beira-mar numa pequena cabana, onde ela e o marido se isolavam do resto da família, tendo apenas como companhia o oceano. Quando chegou ao termo da gravidez, ela quis dar à luz junto da mãe, como era seu hábito, mas não teve tempo. Nasceu uma menina que, facto muito curioso, não chorou como o fazem outros bebés. Damayanti inquietou-se. A criança estava viva? Tranquilizou-se: a criança olhava-a e sorria-lhe. Aquele sorriso perturbou Damayanti. Estávamos a 27 de setembro de 1953. A pele do bebé era castanha, particularmente castanho-azulada, enquanto os seus pais tinham a pele clara. Ficaram surpreendidos. Ninguém naquele momento havia sonhado que aquela tez lembrava a de Krishna. O pai e a mãe atribuíam-na a uma maldição: na Índia, as peles escuras revelam origens baixas. Por isso chamaram àquele bebé Sudhamani, que significa «joia de ambrósia». Deus enviara-lhes uma criança «negra», o que não era um bom sinal. Ninguém então podia imaginar o destino daquela menina.

A sua irmã Kasturi estava presente quando a criança nasceu. Um facto estranho vem-lhe à memória quando pensa nisso: as pernas da recém-nascida estavam cruzadas, como na posição de lótus. Sem dúvida uma posição tomada no ventre da mãe...

A criança era diferente e ao mesmo tempo semelhante às outras. Nunca, lembra-se Kasturi, gatinhou como fazem todas. Começou a andar e a falar muito cedo, aos 6 meses, o que não é comum. Aos 2 anos, Sudhamani começou a orar e a cantar. O seu fervor não era o de uma criança vulgar. Possuía uma graça natural. Olhava por vezes para as fotos dos santos e dos deuses que ornavam as paredes da casa. Pequena, adorava dar, o que não é comum nesta idade. Kasturi lembra ainda: no caminho para a escola, ela e Subhagan, o seu irmão mais velho, compravam doces com o pouco dinheiro que o pai lhes dava. Sudhamani dava os seus àqueles que, no caminho, achava que estavam tristes.

As pessoas adoravam-na. Chamavam-lhe «Kunju», um termo afetuosos que significa «a pequenina». O seu sorriso, aquele sorriso da infância, nunca a abandonou. Continua a ser o seu sorriso de hoje. Mostrava um amor por Krishna e começava a louvar o seu nome. A sua voz fascinava e as pessoas da aldeia ganharam o hábito de a ir ouvir cantar ao nascer do Sol.

Os seus pais poderiam ter ficado felizes com uma criança assim, mas, contudo, tinham medo por ela. Todos os pais têm medo da diferença: pode prejudicar o futuro da criança. O mistério inquieta. Em que se pode tornar uma criança que parece nada amar senão a oração? Uma criança que passa o seu tempo a louvar Deus é normal? Por que razão esta menina não amava, como todas as outras pequenas indianas, as roupas belas e brilhantes? Era incompreensível. Como podia ela, quando chegasse o tempo, assegurar o seu destino de mulher? Na Índia, mais do que em qualquer outro lugar, tudo é regrado antecipadamente. O destino de uma jovem é ser esposa, guardiã do lar e dar filhos ao seu marido. Uma garotinha que abandona os jogos das crianças para se isolar à beira do oceano e se perde em contemplação assusta. Não há nada pior do que o medo: ele induz à desconfiança, à cólera, por vezes mesmo à rejeição. Para devolver Sudhamani à norma, os seus pais começaram por repreendê-la, em vão. Ela encontrava-se num caminho que era o dela e não conseguia explicá-lo. É difícil amar o que não podemos compreender; e as outras crianças começaram a ter ciúmes dela. Kunju sentiu tanto o mal como o bem. O bem preenchia-a, o mal entristecia-a. No entanto, ela parecia feliz, florescente, alegre. Estudava com facilidade e os seus professores só se interessavam por ela, para desgosto dos seus pequenos companheiros, que lhe faziam compreender o seu aborrecimento. Ela respondia com gentileza. Viva e brincalhona, tinha a sua maneira de estar no mundo. Por fim, o seu sorriso conquistou os corações.

Mas Sugunanandan e Damayanti assistiam à eclosão de uma santa sem se aperceberem. Muito mais tarde, quando iam pessoas de todo o lado para se encontrarem com ela, perguntámos a Sugunanandan, cuja franqueza nos agrada: «Amma tornou-se alguém importante. Sente orgulho nisso?» Sugunanandan respondeu: «Não, de modo nenhum, sou uma pessoa vulgar. Não tenho nada a ver com isso. Sinto-me simplesmente feliz de ver uma coisa como esta. Damayanti e eu achamos que é uma sorte formidável sermos testemunhas.»³

A pequena seguia a mãe para todo o lado. Damayanti levantava-se todos os dias às 4h da manhã para colher flores e fazer uma *puja* (rito de oferenda e de adoração) no *kalari*, o pequeno templo adjacente à casa. Kunju levava flores e assistia à *puja* enquanto todos dormiam. Ela começou a ler, ainda na infância e sozinha, o *Bhagavatam* (a vida de Krishna). «Tínhamos de a deixar estudar», disse o pai. A sua inteligência era espantosa. Nestas aldeias, ninguém, evidentemente, conhecia o sânscrito, a língua dos textos sagrados da Índia. Contudo, por mais estranho que possa parecer, Kunju sabia o suficiente para ensinar mantras em sânscrito às outras crianças.

³ *Matruvani*, junho de 2009.

UM DIA, A TERNURA DE AMMA REVELOU-SE NO MEU CORAÇÃO

«É o amor que move os átomos e as estrelas.»

DANTE

Encontrar Amma é conhecer a alegria da simplicidade. Uma simplicidade generosa que abre os corações. Com ela não precisam de falar o malaiala, a sua língua materna, nem mesmo sequer o inglês. Ela fala a língua do coração, a língua do amor, com palavras que todos podem entender sem as compreender. Felizes são aqueles a quem nunca faltou a ternura ou que pensam que ela nunca lhes faltou. Para os outros, isto é, para a humanidade que sofre, um ato de ternura nunca será em vão. Para aquele a quem falta, um olhar de amor vale todo o ouro que existe no mundo. O pedinte a quem pousa rapidamente uma moeda na palma da mão, tendo cautela para não lhe tocar, preferiria um olhar de amor, uma palavra de compaixão. Somos todos miseráveis quando nos falta o amor, mesmo os que parecem fortes, os que parecem ter tudo. Todos temos uma ferida, um sofrimento, uma dor, seja confessados ou em segredo. Somos solitários no meio da multidão. Nenhuma rede social preenche com amor o vazio dos nossos corações. Um sorriso que transporta ternura é muito mais poderoso.

Olho para as longas filas que se apressam ao encontro de Amma. Não há uma única vez em que me questione sobre o que estas pessoas vêm procurar junto dela. Se o fizesse seria um orgulhoso e um tolo. Quer sejamos mimados pela vida ou uns pobres coitados que sofrem de muitos males, a esperança pode nascer de um abraço que recebemos. Sobretudo se esse abraço é dado com alma. Uma esperança desenfreada ou tímida, mas verdadeira. Ousemos admitir: somos esfomeados por ternura! No Ocidente, nós gostamos, para parecermos inteligentes, de ridicularizar a emoção e o sentimento. O *Le Monde*, que já conhecemos mais bem inspirado, escreveu a propósito de Amma um artigo intitulado «A multinacional da troca de carícias». É um título que faz sorrir, mas que não define nada. Um título de espuma, para uso dos corações secos dos discípulos de Voltaire à mais pequena escala. No passado eu teria sucumbido. Havia observado o *darshan* de Amma com curiosidade, ansioso para detetar por trás daquele abraço falhas, convenções, artificios. Enganava-me: não havia nela nem engano nem fraude. Ao observá-la, as imagens engraçadas ocorriam-me ao espírito: Amma, de rosto redondo como Purnima, a lua cheia, afagava as costas dos seus visitantes. Demorei muito a ver a ternura de Amma, pura como o olhar que Jesus levava aos seus irmãos. Da primeira vez que me encontrei com Amma, há cerca de 25 anos, não o fiz, não tive a audácia da criança e não senti o que deveria ter sentido. Só a espuma de uma onda tocava então os meus lábios. Experimentei uma emoção exótica, que deveria ter sido evanescente, e, contudo, aquela espuma não se evaporava. Vivia dentro de mim como um bálsamo para as minhas angústias, uma toalha fresca sobre a minha testa. O rosto de Amma, a doçura do seu olhar, o seu sorriso tão bom aparecia-me em sonhos para me tranquilizar.

Esperava, sem o saber, que a minha vida resgatasse essa oportunidade perdida e que me fizesse, enfim, conhecer o que eu

deveria conhecer. Há pouco, em Châlons-en-Champagne, pude de novo aproximar-me, ajoelhar-me diante dela, sentir os seus braços a envolverem-me, ouvi-la dizer palavras que eu não compreendia mas que me falavam. Senti o que é ser tocado pela graça. Reconheci em Amma um princípio vivo de que o mundo tinha fome. No fundo, era a mesma graça que sentira antes diante do Abbé Pierre socorrendo um infeliz que queria morrer, diante da irmã Emmanuelle ao pegar num vendedor de trapos caído por terra, diante do padre Pedro, de Madagáscar, acolhendo crianças saídas do abismo. Era a mesma que me fizera chorar em Lourdes lágrimas de alegria. Como se Deus passasse por lá...

Quantas pessoas abraçou Amma? Vinte milhões? Trinta milhões? Quarenta milhões? Os números pouco importam. Que sentido adicional teria que Amma, no crepúsculo da sua vida, tivesse podido beijar a humanidade inteira? A graça dispõe do poder de se espalhar à escala do mundo. A mensagem de Cristo, transmitida a alguns, tocou dois mil milhões de pessoas. A de Buda, que partiu do nada, mil milhões. O amor transmitido por Amma atinge muito mais do que o número daqueles que o recebem. Todas as mensagens são assim. Amma não quer qualquer monopólio. Apenas a qualidade do amor legítimo, aquele que é digno de o dar. Amma seria feliz se houvesse outras Ammas. Diz a este propósito: «Seria maravilhoso, o mundo tem uma grande necessidade de corações repletos de compaixão. Uma só Amma não pode abraçar todo o género humano, pois não?» «Quando Amma beija as pessoas, não se trata apenas de um contacto físico, mas de uma vibração pura de amor», confia ela. Os efeitos desta vibração são diferentes de acordo com a pessoa que a recebe. O amor é uma energia de dois sentidos: a energia do que a dá funde-se com a energia de quem a recebe. Esta energia cura de maneira diferente, porque o mesmo sofrimento nunca é vivido da mesma forma por cada um. Da paz interior à elevação da

espiritualidade, o poder terapêutico do amor é feito à imagem do Universo: múltiplo e infinito...

Quando a revi, em Châlons-en-Champagne, também eu fui embalado em tranquilidade e serenidade. Tratava-se de uma nova serenidade. Como descrevê-la? Uma serenidade que seria muito mais bem descrita por um parálítico que encontrei há bastante tempo na ponte sobre a torrente que desce dos Pirenéus, em Lourdes, do que por mim.

Eu fazia perguntas sobre os milagres e questionava os que haviam sido curados por um milagre. «Vem aqui há muito tempo?», perguntei-lhe. «Há 20 anos», respondeu ele. Acrescentei, toalmente: «A si, nada, tanto quanto posso ver, aconteceu de milagroso? Não está curado?» O parálítico mergulhou o seu olhar no meu e respondeu: «Meu senhor, não compreendeu nada. Depois de 20 anos, o milagre está feito. Não tocou nas minhas pernas. Deu-me a paz que eu havia perdido. Esta paz é mais preciosa do que as minhas pernas.» Que lição!

Amma conhece a força do amor porque ela é amor. Esta força torna-a capaz de se oferecer numa tensão pouco comum. O seu amor não tem fim porque esta oferenda vem de Deus.

«Amma, porque tomas as pessoas nos teus braços?», perguntam-lhe por vezes. «Perguntamos ao rio porque corre?», responde ela.

Como o amor, a palavra de Amma flui, simples e límpida, profundamente humana. Quando lhe perguntamos «Amma, que benefício podemos retirar do *darshan*?», ela responde: «Como percebemos plenamente a beleza e o perfume de uma flor? Estando completamente abertos à flor. Imagina que tens o nariz entupido: passas ao lado. O *darshan* é um fluxo constante, sem fim. Basta recebê-lo. Se, pelo menos durante um segundo, te abstráires completamente do resto do mundo, ele produzirá toda a sua plenitude... Quanto mais abertos, mais recebemos. A abertura do coração chama o amor. Nada mais.» Está tudo dito.

Recebi com frequência o *darshan* de Amma; de cada vez tive a impressão de que era a primeira vez. Há coisas que aprendo e outras que sinto. Os santos, os sábios, os místicos abençoam a Terra desde a noite dos tempos. Amma é diferente deles? Na Índia, o santo não permite que se aproximem dele nem se deixa tocar. Não falamos com ele diretamente a não ser em ocasiões muito raras. Vemo-lo à distância, por vezes de tão longe que dificilmente distinguimos os seus traços. Ele é sagrado, inacessível, precioso. Inclino-nos, prostramo-nos diante dele; não nos dará mais do que um sinal, uma palavra, um olhar. Poderíamos ficar ofendidos. Não vale a pena, porque é assim. Na Índia, as pessoas não se tocam. O pudor é a regra. A mulher não deve tocar num homem que não conheça. Mesmo entre elas, as mulheres são muito reservadas. Não se veem naquela região grandes abraços como entre nós. Amma é uma revolucionária. Todos são recebidos nos seus braços. Homens ou mulheres, belos ou feios, jovens ou velhos, limpos ou sujos, intocáveis ou brâmanes. Amma é única no seu género. Podemos pensar que é simples enlaçar alguém nos braços, mas fazê-lo durante todo o dia seria exaustivo para a maioria de nós. Contudo, Amma mantém no final da noite a mesma graça e a mesma frescura. Sob a aparente banalidade do seu gesto surge o mistério.

Amma embala-me, acaricia os meus cabelos, murmura Deus ao meu ouvido. Saio de mim mesmo, evado-me do meu espaço para me juntar ao seu. Ela faz-me entrar no seu ser. Sinto fisicamente o seu enraizamento em Deus. Deus fica feliz de todas as vezes que ela acolhe alguém nos seus braços, porque Deus está em cada um. Somos uma multidão de deuses, pequenos e grandes, direitos e corcundas, magros e gordos. Estamos imersos na Origem, no Essencial, no Inqualificável. Deus está aí, e, melhor ainda, sentimos que Ele é feliz.

**«Esta história é verdadeiramente extraordinária.
É, garanto, uma das mais belas
destes nossos conturbados tempos.»**

Líder espiritual hindu, Mata Amritanandamayi, mais conhecida como Amma («mãe»), é uma luz para a humanidade. Com uma energia e bondade sem par, a «santa dos abraços» tocou, e continua a tocar, a vida de milhões de pessoas.

Da autoria do conceituado Pierre Lunel, este é um livro que faz mais do que enumerar factos e acontecimentos de vida. Num registo bastante pessoal e apaixonado, o autor oferece-nos um verdadeiro romance da vida real, onde somos guiados pelo incrível destino da filha de um pescador do sul da Índia que, com a sua luta incansável, a sua compaixão ímpar e uma mensagem de sabedoria, transforma o mundo num sítio melhor.

Fundadora e inspiração da ONG humanitária Embracing the World, Amma tem sempre uma palavra sobre os temas que mais afetam o dia a dia de todos. Das mudanças climáticas ao terrorismo, da pobreza aos direitos das mulheres, as suas observações convidam cada um de nós a envolver-se no processo de reconstrução de uma sociedade preocupada e solidária. Porque, no fundo, somos todos um.


**«Amma é a personificação do amor puro.
A sua presença cura.»**

DEEPAK CHOPRA



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Espiritualidades

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897846700



9 789897 846700 >